

SUPERSTIÇÕES

Contou-me excelente cirurgião de origem grega chamado Hhristus (“Cristo”) que durante certo tempo o anestesista de sua equipe tinha por prenome Messias. Ao ouvi-lo, fiquei imaginando que, se alguma desavisada enfermeira tivesse a infeliz ideia de dizer ao paciente “fique tranquilo. que agora vou deixá-lo aos competentes cuidados do Cristo e do Messias”, por certo ele se recusaria veementemente a ser operado e quem sabe até mesmo pulasse da maca e saísse correndo... É que a maior parte da população brasileira, mesmo a mais escolarizada, cultiva algumas superstições, por mais irracionais possam ser. Existem até mesmo aqueles que, nas despedidas, não gostam lhes seja dito “vá com Deus”, preferindo a forma mais explícita “que Deus o acompanhe”. A propósito de como podem ser entendidas palavras e reptos, lembro-me daquela história do ardoroso cura que, no decorrer do sermão, a todo momento instava os fieis a levantarem o braço se desejassem ir para o céu. Apenas um, ao fundo do templo, não ergueu o braço sequer uma vez. Ao final do culto o clérigo, intrigado, dirigiu-se a ele a fim de saber a razão pela qual não queria ir para o céu. Tratava-se de irmão que já havia tomado umas e outras àquela hora da missa. A resposta, um tanto empastelada, veio de pronto, “querer eu quero, seu padre, mas não já...”

É muito extenso o rol de superstições populares. Mais de uma pessoa já me afirmou que colocar uma vassoura atrás da porta faz as visitas logo se mandarem. Nunca testei, mas admito que em certas ocasiões, se de fato funcionasse, ajudaria bastante.

Recordo-me também de que, quando morava na capital, já faz muitos anos, surpreendi a senhora que então prestava serviços domésticos em casa, dando pulinhos, descalça, em um canto da sala. Ao ver-me, apressou-se em explicar, “então o senhor não sabe, seu doutor, para achar alguma coisa perdida é só dar três pulinhos para São

Longuinho?” Ela não se lembrava de onde houvera posto os óculos...

Eu mesmo nunca passo debaixo de escada, mas não é por achar que traga má sorte, como se diz popularmente, e sim por temer que me despenque alguma coisa na cabeça. Já pensaram se, justo ao passar, algum descuidado pintor deixasse cair sobre mim, lá de cima, alguns pingos de tinta fresca, se não a lata toda?

Existem tantas superstições correntes entre o povo, que seria até mesmo cansativo enumerá-las. Todas, porém, sem qualquer suporte lógico. Com efeito, derramar vinho não é, para mim, sinal de alegria, mas puro desperdício. Assim como coceira na palma na mão, que já tive algumas vezes, porém nunca me trouxe dinheiro extra. Também tenho formulado, sempre, o mesmo desejo ao cortar a primeira fatia do bolo de aniversário – e olhem que já carrego muito anos sobre os ombros – mas não há meio de o “verdão” deslanchar de vez...

A crença popular, contudo, que só de lembrar me faz rir, é a de que orelha quente é sinal de que alguém está falando mal de você. O remédio seria ir declinando os nomes dos suspeitos até que ela parasse de arder. Ou então mastigar a gola da camisa para o fofoqueiro morder a própria língua. Algum leitor é capaz de adivinhar os ambientes públicos em que mais orelhas estejam pegando fogo? Ou em que haja mais línguas mordidas e até mesmo sangrando? Ainda bem que os brasileiros não perderam a capacidade de rir...

Darly Viganó